

# IMPLICAÇÕES PADRÃO BARBIE: SENTIDOS QUE MENINAS ADOLESCENTES ATRIBUEM AOS PADRÕES DE ESTÉTICA E IDEALIZAÇÃO DO CORPO<sup>1</sup>

Jennifer Cardoso<sup>2</sup>

## Resumo:

O presente estudo objetivou problematizar as narrativas de um grupo de meninas adolescentes de uma escola pública da região da grande Florianópolis acerca dos sentidos que atribuem às noções de “padrões de estética” e “idealização do corpo”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que foi realizada por meio de um grupo focal/reflexivo. O número de participantes foi de oito meninas com idade entre 17 e 19 anos, que cursavam o Ensino Médio regular do mesmo ou diferente turno escolar. A pesquisa foi realizada durante três encontros de uma hora cada, ao longo de uma semana, Para análise dos dados, seguiu-se a metodologia de análise das Práticas Discursivas e de Produção de Sentidos de Spink e Medrado. Observou-se com esta pesquisa a importância de proporcionar um espaço reflexivo juntamente com as adolescentes e também a necessidade de potencializar a voz e os sentidos atribuídos a temática tanto dentro do âmbito escolar quanto nas relações familiares e sociais.

**Palavras Chave:** Corpo. Adolescência. Padrão de estética. Imagem corporal.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao realizar uma pesquisa abordando os sentidos que as adolescentes atribuem aos padrões de estética e idealização do corpo, tive como objetivo escutar e analisar as narrativas de como meninas adolescentes tem construído suas experiências em relação a esses processos. A escolha por estudar essa temática apareceu por conta de vivências pessoais relacionadas à alteração de peso durante o início da adolescência e início da juventude. Consegui me ver dos dois lados da “balança”, tanto por estar abaixo como acima do peso ideal (Seguindo a tabela de IMC – Índice de Massa Corporal). Tive acesso aos olhares dos dois pólos quando o assunto é “peso”, o que me chamou atenção em relação à temática, visto que minhas amigas e colegas na adolescência apresentavam queixas sobre padrão de estética e, mais tarde, na universidade, realizando grupos com pré-adolescentes/adolescentes, voltei a deparar com a essa problemática.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como trabalho de conclusão curso de graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga. Orientador: Daniel Kerry dos Santos, Dr. Palhoça, 2018.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Deste modo, esta pesquisa teve como objetivo geral *problematizar as narrativas de um grupo de meninas adolescentes de uma escola pública da Região da Grande Florianópolis sobre o padrão de estética e idealização do corpo*. Como objetivos específicos, propus analisar a importância que meninas adolescentes atribuem à relação entre corpo e saúde; identificar, a partir das narrativas das adolescentes, a influência das redes sociais na construção da imagem corporal; e analisar as narrativas das adolescentes acerca do “culto ao corpo” e “padrão de estética”.

A palavra padrão apresenta a idéia de algo homogêneo. Ao referir-se a padrão de beleza/estética, tem-se a concepção de atributos corporais que um indivíduo precisa possuir para ser “aceito” socialmente como uma pessoa bela. Dantas (2011) pontua que quando são mencionadas questões que envolvem padrões de estética e de corpo, nota-se a influência do meio cultural, social, político e científico. Assim, ao falar de corpo, falamos também de sociedade. Cada local tem uma cultura que age sobre o corpo, definindo e determinando alguns padrões, como os de beleza e de saúde. Rosário (2006) relata que os padrões ao longo do tempo produziram uma história do corpo humano, história essa sempre em transformação.

É possível observar uma mudança gradual nos padrões estéticos durante toda a história. A busca pela magreza pode ser impulsionada pela mídia através de manequins, modelos e concursos de beleza, onde o corpo feminino passou a ter padrões mais magros e sem definição. De acordo com Castilho (2001), o início do século XXI foi marcado pela busca ao corpo perfeito, um culto ao corpo.

Segundo Ortega (2008), o conceito de biossociabilidade é explicado pelo fato de que atualmente as pessoas dialogam e sociabilizam como um meio de seguir uma norma, um meio de relacionar a socialização com o corpo, onde as pessoas sociabilizam através de uma norma, e através dessa relação, segue-se algum padrão. Não haveria como não impor padrões corporais sem que houvesse alguma norma de padrão estético. Assim, o corpo perde a liberdade para apenas seguir tendências de um determinado grupo ou sociedade.

Deste modo, podemos pensar sobre como crescemos em uma sociedade que impõe bonecas, princesas, modelos, atrizes e cantoras com um padrão específico, a magreza. Podemos analisar e encontrar a “chave do sucesso” na aparência. Um modelo clássico é a boneca Barbie ou das princesas clássicas da Disney, como *Cinderela* ou *Branca de Neve* que apresentam características físicas como estatura alta, magreza, pele branca e cabelos lisos.

Novaes (2013) relata que o magro é retratado como alguém que é esforçado e disciplinado, porém o gordo é identificado como preguiçoso e descuidado. A pontuação de Novaes (2013) pode demonstrar que existem julgamentos morais, que disseminam a idéia de que a imagem corporal pode classificar alguém como vencedor ou fracassado (Lopes & Mendonça, 2016). Desta forma, a magreza é vista como sinônimo de sucesso, sexualidade e saúde, e as pessoas que não seguem tais padrões estéticos tornam-se possíveis alvos de preconceito.

Sobre a preocupação com um “corpo perfeito” pode-se pensar nos Transtornos Alimentares. De acordo com a CID 10, encontramos catalogado o transtorno “F50: Transtornos da Alimentação”, e suas subclassificações, como a anorexia (F50.0) e bulimia nervosa (F50.2) que podem ser caracterizadas por medo intenso de ganho de peso ou hiperfagia (F50.4) que pode ser definido como uma ingestão, mesmo sem fome, de uma quantidade grande de alimentos seguido pelo sentimento de culpa. Vale ressaltar que a preocupação da biologia/medicina é o diagnóstico e a padronização do corpo saudável.

Ribeiro e Oliveira (2011) salientam que os transtornos alimentares, mesmo entendendo que tem causas distintas como psicológicas, socioculturais e biológicas, podem estar ligadas a prática do culto ao corpo, e que atingem principalmente jovens e adolescentes, justamente porque a mídia possui grande alcance e indica a necessidade de identificação a um grupo/tipo de corpo/estilos a serem seguidos.

Silva (2001) pontua que o padrão de beleza atualmente almejado pelas mulheres ocidentais é inspirado no modelo da boneca *Barbie*. Esse padrão tem se universalizado de tal modo que vem submergindo as tradições culturais e avassalando as singularidades étnicas. Um dos principais motivos de relacionar o nome da boneca Barbie a esta pesquisa, se justifica pelo fato de que essa boneca está inserida em uma produção fantasiosa e imaginária acerca da mulher “bela, aventureira e rica”. Esse imaginário materializado na Barbie tem como mensagem cultural uma idéia de valorização e doutrinação de que existe um tipo de corpo, uma cor de pele e de comportamento aceitos. Através do tempo, a Barbie se tornou o objeto de exposição e influências com uma idéia de um mundo de glamour, trazendo como ideal para as mulheres ser branca, magra e loira (Cechin & Silva, 2012).

Carreiro (2005) destaca que a indústria da estética corporal é hoje um dos maiores meios lucrativos do mercado de consumo. Nesse contexto, pode-se pensar na hipervalorização que é aplicada ao corpo. Em nossa sociedade, temos diversos modelos

de construção corporal, sendo eles definidos pelas práticas de atividades físicas, dietas, tratamentos para o emagrecimento e cirurgias plásticas. Através desses modelos, cada pessoa pode atingir e possuir uma aparência física que é mais bem aceita pela sociedade, ou seja, aquela que segue os padrões de beleza, que associam a aparência física à beleza e à saúde.

Todos esses processos sócio-histórico-culturais de construção de padrões de corpo e de ideais de beleza incidem diretamente nos modos como se constroem as adolescências. A adolescência é um período da vida caracterizado por mudanças e transformações biopsicossociais, ou seja, mudanças de ordem psicológica e física. Trichês (2013) ressalta que a transição entre infância e adolescência e suas instabilidades estão associadas aos contextos sociais, biológicos e culturais. A insatisfação corporal pode estar ligada à construção da imagem corporal de adolescentes e de mulheres, assim como as influências socioculturais da valorização da magreza podem estar ligadas diretamente à insatisfação da imagem corporal.

Schilder (1999), ao descrever o conceito de imagem corporal, o define como uma representação mental que o indivíduo faz do seu próprio corpo, tanto física como emocional e mental. Além de estar relacionada com a autoestima, a imagem corporal é um meio de obter aceitação social, pois as pessoas acreditam que o exterior (corpo) é um reflexo do interior (saúde). Ou seja, uma pessoa que visualmente é designada como magra, seria vista como saudável, e uma pessoa que visualmente é designada como gorda, seria doente, relaxada ou descuidada. Daolio (1995) pontua sobre o contato com o corpo:

No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. (Daolio, 1995, p. 105)

Seguindo a compreensão colocada por Daolio (1995), Andrade (2003) avança e destaca como a idealização do corpo vem tomando proporções cada vez maiores. Através das mídias e redes sociais, temos um reflexo de como a população está insatisfeita com o seu próprio corpo. Dentre esse contingente de pessoas insatisfeitas, destacam-se as adolescentes, que tentam, através de algumas dietas e exercícios físicos, se manter dentro dos padrões adotados pela sociedade.

A partir do poder da mídia na construção de ideais corporais, observa-se como efeito a produção da sensação de insatisfação com o próprio corpo. As insatisfações com a imagem corporal induzem as pessoas a aderirem a dietas, exercícios e técnicas

que visam à normalização desses corpos às margens dos padrões estabelecidos. Observa-se, assim, o primeiro indício de “culto ao corpo”, que é pautado na preocupação com a estética e cuidado com a saúde, independente dos fatores externos, como idade, renda e localização (CASTRO, 2007). Nesse sentido, a preocupação com o corpo acaba se sobrepondo à saúde, muitas vezes delegando uma importância maior à estética.

Damasceno VO *etal.* (2006) destaca que a imagem corporal é um importante aspecto psicológico e interpessoal durante a adolescência. É nessa fase que acontece a puberdade, o que acarreta várias mudanças em muitos âmbitos, inclusive sobre os sentimentos e a identidade. As relações dos adolescentes com seus parentes, amigos e colegas de escola são os principais fatores para as respostas dessas mudanças da puberdade, variando, junto com outros aspectos, o reconhecimento como um indivíduo e também de sua autoestima.

Segundo Franco (2009, p. 326) a autoestima:

Não é natural, dada ou inata ao homem. Ela é algo tênue, que surge das diferentes formas pelas quais significamos as situações vividas ao longo da vida, ou seja, se prevalecentemente de modo positivo ou negativo, ainda que as significações, em muitos casos, sejam contraditórias e nem sempre claras.

Neste caso, pode-se analisar que a autoestima é algo que é construído a partir das vivências do sujeito. Já Azevedo & Abuchaim (1998, p.35) relatam que os sentimentos de baixa auto-estima estão ligados a forma corporal:

Sentimentos de baixa auto-estima correm paralelos à constante insatisfação com a forma corporal, ou seja, a auto-estima depende da eficiência de seus métodos para alcançar o corpo desejado. Tudo funciona como se os outros valores pessoais não existissem ou fossem secundários, pois só conseguem se sentir socialmente aceitos se estiverem fisicamente dentro dos padrões desejados pela sociedade.

Deste modo, percebe-se que a baixa auto-estima pode ter como ponto desencadeador o sentimento de ser socialmente aceito através do padrão estético, pois, através de uma idéia de que o corpo é a prioridade, outros fatores deixam de ser essenciais e são deixados de lado, fazendo com que o sujeito apenas se sinta socialmente satisfeito através do alcance dos padrões da sociedade.

Esta pesquisa não está vinculada unicamente ao contexto escolar, porém a escola foi o campo de acesso às participantes, que são adolescentes cursando o ensino médio. Souza *et al.* (2007) afirma que a escola é representante significativo do que as crianças e adolescentes são ou gostariam de ser, já que passam mais de metade de seu tempo diário

nesse ambiente. De acordo com os autores Souza *et al.* (2007, p.6) “nesse espaço, ampliam seus relacionamentos interpessoais, sua rede de contatos sociais e entram em contato com uma série de conhecimentos e vivências”. Deste modo, é importante pontuar que as vivências na escola ressaltam uma das redes mais importantes para a formação das adolescentes.

Ao verificar a relevância científica, foi realizada uma revisão de literatura nas principais bases de dados: Scielo e Pepsic. Foram encontrados 136 artigos com a palavra chave *imagem corporal*, sendo oito da Psicologia, três artigos com a palavra chave *estética corporal* e dois artigos para *idealização do corpo*. Totalizando treze artigos da área da Psicologia. Dantas (2011) destaca que é fundamental para o campo da psicologia estudar as questões relativas à idealização e construção do corpo. Foi diante desse contexto que surgiu o interesse em realizar uma pesquisa relacionada à estética e culto ao corpo. Assim, o que se propõe com essa pesquisa é compreender quais os sentidos atribuídos por um grupo de meninas adolescentes de uma escola da Região da Grande Florianópolis sobre o padrão de estética e a idealização do corpo.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Delineamento e participantes**

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e tem como objetivo geral compreender os sentidos atribuídos por meninas adolescentes acerca dos padrões de estética e idealização do corpo. Para atingir esse objetivo, foi realizado um grupo focal/reflexivo com oito meninas de uma escola da rede pública Estadual de Palhoça-SC.

Trad (2009) salienta que para participar de um grupo focal os participantes devem apresentar algumas características em comum associadas à temática da pesquisa. Deste modo, as participantes do grupo foram meninas com idade entre 17 a 19 anos, cursando o terceiro ano do Ensino Médio na mesma escola. Das participantes, duas trabalhavam, uma era casada e havia apenas uma menina negra. Após o contato com escola, o critério utilizado para a seleção das participantes foi via divulgação do grupo, intitulado: “Roda de conversa sobre padrão de beleza”. Foi passado em todas as salas dos terceiros anos dos períodos matutino e noturno, e foi entregue o folder divulgando sobre o que seria falado no grupo, onde e quando ocorreria. As meninas interessadas poderiam se dirigir até a secretaria da escola para fazer sua inscrição e levar para casa

um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para seus responsáveis assinarem e um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Sobre a participação voluntária, apesar da pesquisa não ser diretamente relacionada ao contexto escolar, este foi o campo para o acesso as participantes, campo esse que é historicamente instrumento de coerção e controle sobre os sujeitos. O intuito sempre foi que as alunas se sentissem à vontade para participar do grupo, dando a elas autonomia sobre esta escolha. Deste modo foram liberadas oito vagas para o grupo e todas foram preenchidas.

## 2.2.Procedimentos e instrumento

Os dados foram coletados por meio de um grupo focal e pela produção de um diário de campo. Trad (2009, *apud* MORGAN, 1997) aponta que os grupos focais são uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais, ou seja, tem uma maior interação entre os participantes.

Segundo Spink :

Muito usado em pesquisas de mercado, o grupo focal é, antes de tudo, uma discussão em que um pequeno grupo de informantes, guiados por um facilitador, é convidado a falar sobre um (ou mais) tema(s) e/ou produto(s). Os participantes são recrutados a partir de uma população alvo, cujas opiniões e ideias são do interesse do pesquisador e da empresa contratante. Sessões são usualmente gravadas e o observador também faz anotações durante a discussão. (SPINK, 2004, p.239).

Deste modo, foram realizados três encontros nos dias 18, 19 e 20 de setembro, no período entre 13h às 14h30, no auditório da escola. O primeiro encontro teve como objetivo realizar uma reflexão acerca de padrão de estética e imagem corporal. Na ocasião, foi proposta uma atividade para que as participantes pudessem analisar modelos de corpos e revistas da atualidade. Já no segundo encontro, havia uma atividade programada, porém as discussões sobre os assuntos que foram discutidos durante o primeiro encontro tomaram conta da roda de conversa e perduraram durante todo o período do encontro. No terceiro e último encontro, foi exibido um vídeo que funcionou como disparador para que se debatesse o seguinte questionamento: “*Quando foi a última vez que você se sentiu confortável em seu próprio corpo?*”. Em todos os encontros a roda de conversa fluiu bem e muitas temáticas voltadas para o objetivo da pesquisa apareceram.

Nos três encontros, com a autorização dos responsáveis e das meninas, tive acesso à gravação de voz, porém houve a necessidade de elaborar um diário de campo. De início, não achei que seria necessário, porém, como não possuía alguma experiência em coordenar um grupo ou realizar uma pesquisa sozinha, vi neste ponto uma dificuldade e também como uma oportunidade de grande aprendizado. Todos os encontros foram gravados e transcritos para posterior análise das práticas discursivas e das produções de sentidos que circularam no grupo.

A análise das narrativas foi realizada tendo como referência a perspectiva teórico-metodológica da *análise das práticas discursivas e de produção de sentidos* (SPINK E MEDRADO, 2004; SPINK 2004). Para Spink (2004), as práticas discursivas são definidas como o uso da “linguagem em ação”, a partir das quais as pessoas reproduzem e constroem sentidos e se posicionam nas relações sociais. De acordo com Spink (2004), os sentidos não existem previamente à experiência social, ou seja, eles decorrem de uma construção social, são coletivos e singulares ao mesmo tempo, e são produzidos partir das vivências e de como as pessoas lidam com as diversas situações do cotidiano.

A pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNISUL (CEP) e também pela Gerência Regional de Educação, pois, como se tratava de uma escola estadual, era necessária a aprovação deste órgão para a realização da coleta de dados. No primeiro encontro da roda de conversa, foi realizado um contrato de grupo com as meninas, onde foi explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que seus respectivos responsáveis assinaram, e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assinado pelas participantes. Também foram repassados telefones de redes da cidade de Palhoça-SC como o da Unidade Básica de Saúde - UBS, do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS e do Serviço de Psicologia da Unisul para todas as meninas juntamente com uma explicação do funcionamento de cada um, afim de que as meninas tenham uma rede após as finalizações do grupo caso a intervenção gerasse algum desconforto ou caso sentissem necessidade de apoio.

Questões sobre sigilo também foram demarcadas. Foi realizado um contrato verbal, onde cada uma, caso desejasse, poderia escolher um nome fictício para si, como forma de manter sigilo ao ter suas falas e experiências citadas na pesquisa. Deste modo, todas as participantes tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios de sua escolha. Também foi agendada, juntamente com a escola uma data para a devolutiva via apresentação de *Power Point* e entrega do artigo escrito.

### 3 Resultados e discussão

#### *Contextualizando os encontros*

A chegada na escola se deu por meios conturbados, pois a proposta de fazer um grupo no contra turno das aulas não foi bem aceita. Foram necessárias idas e vindas explicando o que seria uma roda de conversa e que o objetivo da pesquisa era o de escutar as narrativas das adolescentes, para que a ideia inicial fosse, enfim, aprovada e então iniciada a etapa de divulgação do grupo.

Durante o período de divulgação, todas as meninas que cursavam o terceiro ano do ensino médio (matutino e noturno) foram convidadas para participar e receberam um folder de divulgação e convite da atividade. Também foi explicado em sala de aula tudo sobre o funcionamento do grupo. As próprias meninas da escola criaram uma “lista de espera”, visto que as oito vagas destinadas para o grupo foram rapidamente preenchidas. Isso aponta para a reflexão de que a abertura deste espaço de diálogo se demonstrou necessária e relevante nesse momento de vida das adolescentes.

No primeiro encontro a maioria das meninas não se conheciam. Neste momento, foram realizados acordos em formato de um “contrato grupal”, de modo que se puderam estabelecer questões relacionadas ao sigilo, cuidado e respeito entre si. Além disso, sugeri que as meninas escolhessem seus nomes fictícios que seriam usados na escrita do texto da pesquisa. Todas gostaram da ideia e mesmo as meninas que não se conheciam rapidamente se juntaram a fim de inventar seus nomes. Na tabela abaixo, consta a descrição das participantes da pesquisa:

Tabela 1 Caracterização das participantes

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Série/turno escolar</b>
<b>Maisa</b>	17 anos	3ºano do ensino médio/matutino
<b>Anitta</b>	17 anos	3ºano do ensino médio/matutino
<b>Iza</b>	19 anos	3ºano do ensino médio/matutino
<b>Kim Kardashian</b>	17 anos	3ºano do ensino médio/matutino
<b>Tatá Werneck</b>	17 anos	3ºano do ensino médio/matutino
<b>Léo</b>	17 anos	3ºano do ensino médio/noturno
<b>Niina<sup>3</sup></b>	17 anos	3ºano do ensino médio/matutino
<b>Gal Gadot</b>	17 anos	3ºano do ensino médio/matutino

---

<sup>3</sup> A participante Niina e a participante Gal Gadot compareceram ao primeiro encontro, porém, a mãe de uma delas entrou em contato para avisar que as meninas não compareceriam aos próximos dois encontros. Relatou que elas iriam participar de um “provão” que ocorreria na sexta-feira.

Nestes primeiros contatos perguntei o motivo pelo qual elas resolveram participar dos encontros e o que as motivou estarem ali. As falas neste momento foram sobre curiosidade relacionada à Psicologia e como essa área iria abordar a temática. Durante o segundo e terceiro encontro, no decorrer das falas e compartilhamentos das meninas, pôde-se notar que as mesmas haviam criado vínculo.

No primeiro, foi sugerido que cada participante pegasse uma revista da atualidade, como “*Toda Teen*”, “*Boa Forma*” e “*Atrevida*” (revistas que circulam no meio adolescente/jovem) e procurassem imagens de meninas/mulheres que, na opinião delas, achassem bonitas. Após identificarem tais imagens, foi solicitado que recortassem e colassem no cartaz. Em seguida, foi proposto um compartilhamento, onde cada uma poderia explicar os motivos de suas escolhas. A intenção da dinâmica foi disparar para diálogos reflexivos sobre: 1) o que as motivou para participar do grupo?; 2) O que entendem por padrão de estética/beleza?; 3) O que entendem por imagem corporal?

No segundo encontro havia uma atividade preparada para dar início a roda de conversa, porém as meninas decidiram retomar as falas do último encontro, de modo que pudessem atualizar os debates iniciados anteriormente.

No terceiro e último encontro foi apresentado um vídeo chamado: “*O que você mudaria em seu corpo?*”<sup>4</sup>. O vídeo apresenta reflexões sobre a imagem corporal. No vídeo, pessoas são convidadas para uma sala e alguém pergunta individualmente: “O que você mudaria em seu corpo?”. Crianças formulam respostas como: “*ter uma calda de sereia*”. Já os adultos apresentam respostas como “*gostaria de ter um nariz menor*” ou “*gostaria de ter uma testa proporcional*”. A intenção foi que o vídeo pudesse ali ser um recurso disparador para uma reflexão. Houve comoção por parte das meninas após a exibição do vídeo e surgiram falas sobre como é difícil se sentir bem no próprio corpo.

Em um segundo momento do terceiro encontro, foi proposto que as meninas formassem duplas. Cada dupla teve duas folhas de dois metros de papel pardo e ganhou uma caneta. O objetivo era de que uma deitasse sobre o papel pardo enquanto sua dupla a contornasse, fazendo assim sua silhueta. Os papéis foram invertidos, de modo que todas pudessem desenhar a silhueta das colegas e terem contornos desenhados. Ao final dos desenhos, cada participante recebeu o desenho do contorno do seu próprio corpo. A

---

<sup>4</sup> O vídeo encontra-se disponível no site YouTube no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=xeQszT-mlGU>

ideia desta dinâmica foi perguntar para as meninas se elas se vêem do mesmo formato e tamanho que está no desenho e levantar o debate sobre imagem corporal.

Ao fim de cada encontro questionei para todas como foi participar do grupo. Em um geral, as meninas gostaram e relataram que não sentem ter um local de fala dentro da escola, revelando a importância dessas discussões e, especialmente, de espaços de fala e escuta no contexto escolar.

A seguir, apresentamos algumas análises acerca dos conteúdos emergentes nos encontros com as adolescentes. Os sentidos, os discursos e as narrativas foram analisados dialogando com a literatura estudada e buscando problematizar pontos importantes que surgiram nos encontros.

### 3.1. Normas do/no corpo: resistências e capturas

Barbosa, Matos & Costa (2011) salientam que através do nosso corpo conseguimos expressar os efeitos e significados que as relações tiveram ou têm em nós. O nosso corpo sempre estará inserido em um contexto sociocultural, histórico e político através do qual as nossas relações se constituem e são vividas. Nessa perspectiva, Louro (2007) define como constituição do corpo que:

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambigüidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de "marcas" biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. (LOURO, 2007, p.8)

Deste modo, pode-se realizar uma reflexão acerca de como nossa identidade é definida em relação ao corpo e como a cultura na qual estamos inseridos pode alterar a construção de definição de corpo (Louro, 2007).

Na atividade de produção de cartazes proposta no primeiro encontro as meninas relataram encontrar dificuldades em perceber diversidades entre os corpos das mulheres nas revistas, foi então, sugerido pelas meninas que o cartaz poderia ser composto não apenas por imagens, como também por palavras ou frases. Ao finalizar a produção dos cartazes, algumas meninas compartilharam suas impressões:

[...]

**Maisa: Se for parar pra analisar, todas elas têm mais ou menos o mesmo padrão de corpo né?**

Jennifer: Até porque a gente pegou uma revista que tem a Iza na capa.

Maisa: Exatamente e colocaram ela como um corpo escultural, porque se for ver, a única gordinha que tem é essa daqui, então tipo, elas seguem ainda o mesmo padrão.

Kim Kardashian: Eu gostei daquela frase lá ó “sem academias, sem problemas”. A pessoa não precisa de academia pra ser feliz, eu gostei dessa frase, foi bem marcante.

Jennifer: Como foi para vocês fazer essa atividade?

Maisa: Achei legal, tinha anos que não recortava revistas ou fazia colagens

**Léo: gostei de ver na prática o que discutimos aqui hoje, nada surpreendente, né? Parece que mesmo a gente tentando existe um padrão de corpo na sociedade... e que a gente sofre pra tentar chegar nele [...]**

Após o diálogo, onde uma das participantes relata que “a gente sofre” para tentar chegar ao corpo perfeito, no padrão estipulado, pode-se analisar o significado de corpo e porque apenas um “tipo” é tido como padrão ideal. Conforme sinaliza Ortega (2008), o corpo se transformou em um “espaço aberto e surreal”, assim, um espaço aberto tende a ser algo em branco e livre para alterações, a idéia de “surreal” trás algo inalcançável. Dentro dessa temática, poucas pessoas estão completamente satisfeitas e se questionam em relação ao seu corpo, sobre o que fazer para mudar e tentar alcançar a plena satisfação. Mediante este contexto, há uma supervalorização e um crescimento de investimento no corpo, transformando-se muitas vezes em um veículo de receio, insegurança, desconfiança e mal-estar.

Mesmo com as inseguranças sobre o corpo, as participantes demonstram resistir aos padrões, como podemos observar no diálogo a seguir, no qual se abordou o tema “mulheres e depilação”:

Tatá Werneck: Eu acho que nenhuma mulher deixaria crescer assim, o tempo todo... Eu acho que por questão de sei lá, não ficar aparando o tempo todo, não deixa aqui, não deixa ali, sempre foi da mulher né, a gente é ensinada, desde quando é pequena que tem que tirar.

**Maisa: Mas eu acho que essa é a questão, a gente tá tentando mudar esse padrão, tipo, tem muita gente que tá deixando crescer agora, tipo, tem propaganda onde tem meninas que deixam grande e ainda pintam, sabe...**

Iza: A gente foi criada de uma forma que tem que seguir o padrão deles.

Sobre os discursos pontuados nesta temática, foi possível perceber que as participantes entendem que a depilação é algo estipulado para um suposto “corpo perfeito de mulher” e que, em muitos casos, essa prática não seria algo confortável de se realizar. Tatá Werneck explica seu ponto de vista: *“Eu não depilo, sabe, principalmente no inverno, no inverno eu passo meses sem depilar, só depilo quando eu fico muito peluda... é cansativo e no fundo sabemos que não tem sentido.*

A seguir, ao analisar os cartazes produzidos pelas meninas, percebe-se que possibilitar um espaço para que elas produzissem livremente se fez fundamental. É possível analisar que houve resistências por parte de todas ao tentar encontrar imagens e frases diferentes do padrão já estipulado nas revistas e, ao mesmo tempo, pôde-se perceber que as mesmas chegaram à conclusão de um padrão existente visto que a consigna repassada para a atividade era apenas a de encontrarem meninas/mulheres que achassem bonitas.

Os cartazes produzidos pelas participantes mostram imagens de mulheres, corpos e frases. Em diversos momentos as meninas relatavam as dificuldades encontradas em procurar por imagens de mulheres que não fossem brancas ou magras. Também ressaltaram encontrar a imagem de uma mulher negra, porém, constataram que apenas encontraram, pois a mesma fazia parte da capa da revista em questão, e de maneira unânime, salientaram que as revistas reproduzem o que é visto por elas todos os dias nas redes sociais e programas de televisão.

Figura 1 - Cartaz 1



Fonte: Autoria própria das participantes, 2018.

Figura 1



Fonte: Autoria própria das participantes, 2018.

Quando questionadas sobre os sentidos que atribuíram nos cartazes produzidos, a participante Léo pontua “*eu queria muito fazer algo melhor, algo com pessoas gordas, baixas, com deficiência... só que não achei nas revistas, não tinha nada...*”. Outras participantes demonstraram o mesmo sentimento, relatando como foi demorada a montagem o cartaz, e como o trabalho em grupo as ajudou na confecção e também no resultado, pois mesmo com algumas angustias, as participantes gostaram muito do desfecho adquirido, inclusive, todas as participantes tiraram fotos da produção para postar nas redes sociais, demonstrando sentirem-se orgulhosas de seu trabalho.

Ressaltando as dificuldades que as participantes trouxeram na elaboração do cartaz, sobre os padrões de corpos já estipulados por uma sociedade, e que o corpo magro não tem ligação direta com o corpo saudável, Dantas (2011) pontua sobre a batalha que as mulheres, jovens e adolescentes enfrentam na busca pela boa forma, diferentemente do que ocorre com a saúde, não há um ponto em que se possa dizer “*agora que alcancei, posso parar e manter o que conquistei*”. Logo, pode-se perceber que não há limites para a procura pela boa forma, pois, cedo ou tarde, os objetivos sempre vão avançar. A autora ainda ressalta que o corpo pode estar saudável e esteticamente bem, porém, sempre há um jeito de melhorar. Nesse sentido, sempre há uma forma de aprimorar, entretanto, nunca se alcança a plena satisfação, pois esse é um processo gradativo e gera um ciclo vicioso, onde os objetivos são utópicos, onde nunca se alcança a perfeição, pois sempre se encontra um jeito de melhorar.

Ainda vinculado com as normas do corpo e suas resistências sobre este, durante a produção dos cartazes a temática da relação entre saúde e corpo se fez presente. Em um dos diálogos a participante Iza relata: “*O que não tem nada a ver uma coisa com a outra né, às vezes você pode ser uma pessoa gorda e ter os exames tudo em dia, e a saúde boa, mas também, tu pode ser uma pessoa magra e ter a saúde péssima, ter distúrbio alimentar*” Em seguida, algumas meninas complementam a fala relatando:

Maisa: Engraçado que com a saúde do gordo todo mundo se preocupa né?  
Anitta – Dos magros não...  
Iza – Da saúde dos fumantes, das pessoas que usam drogas...  
Maisa – Então, a gente comenta né, que a pessoa passa o final de semana inteiro bebendo e se drogando, mas vê uma mulher gorda vira a *Meredith Grey* (*Grey's Anatomy – Série sobre médicos*), já quer falar de saúde.

As meninas deixam claro durante seus relatos entenderem que quando se trata de forma física e saúde, ambos trazem como objeto de foco o corpo humano, a forma física trata o exterior e trás aceitação e inclusão social, já a saúde, trata o interior. A forma física tem como principal virtude a capacidade de execução das habilidades motoras, de uma forma plena e prazerosa (Bauman, 2007). Porém, ao tentar alcançar a forma física perfeita, devido às dietas e atividades físicas excessivas, a finalidade da boa forma física se perde e pode trazer prejuízos à saúde.

A norma da saúde a partir do padrão estético pode moldar a subjetividade, criando um padrão de corpo feminino a ser seguido, especialmente na adolescência, onde essas identificações tornam-se maiores. Vale destacar que as participantes desta pesquisa estão num momento histórico e cultural que resiste e contraria esses modelos já impostos, como visto durante a elaboração da atividade de criação dos cartazes, e no relato da participante Léo: “*Todas as blogueiras parecem iguais...*”. Deste modo, pode-se concluir que as meninas apresentam resistências as normas do/no corpo e que o espaço e a atividade proposta, juntamente com a roda de conversa puderam auxiliar em uma troca de experiências.

### 3.2. Produção de sofrimento ligado à imagem corporal nas experiências de meninas adolescentes

Ao falar de imagem corporal, Cash e Pruzinsky (2002) a conceituam como um conjunto de percepções e sentimentos que um indivíduo tem do seu próprio corpo. Segundo Penna (1989 *apud* Silva, 2001) a baixa autoestima em adolescentes do sexo feminino é uma consequência de sua insatisfação com a própria imagem corporal, uma

vez que não se sentem confortáveis com a aparência perante a sociedade o que, por consequência, acarreta em um crescimento da insegurança. Desta forma, a tendência é de que haja um isolamento, como uma rota de fuga da sua imagem corporal, em busca de algo fantasioso para suprir suas frustrações com o corpo, trazendo como resposta, sentimentos como a culpa, ansiedade e insegurança. Isso é possível exemplificar pelo relato de Anitta, que se sentiu mal ao entrar em uma loja e que após o acontecimento sentiu dificuldades de entrar em outros estabelecimentos semelhantes:

[...] quando eu fui fazer a formatura do meu nono ano eu e minha mãe entramos em uma loja para ver um vestido de festa. Aí quando a gente entrou na loja, e eu acho que aquele dia foi o único dia que eu realmente me senti mal por ter entrado em um lugar pra comprar uma roupa, porque a vendedora chegou literalmente pra gente, a mãe pediu um vestido pra mim, ela olhou pro meu corpo e falou ‘**não, nós não temos o tamanho dela**’, literalmente, assim, ela nem se quer perguntou o nosso nome... **Chorei né**, não quis entrar mais em nenhuma e queria que minha dinda fizesse meu vestido...**Demorei quase um ano para entrar em outra loja.** (Anitta)”

O relato de Anitta confirma a afirmação de Appolinário & Claudino (2000), que salientam que ter objetivos de conseguir um corpo que esteja nos padrões de beleza dito como ideal pode afetar de forma negativa a noção de imagem corporal das adolescentes.

Ainda em relação aos relatos sobre o sofrimento ligado à imagem corporal das adolescentes, as meninas falam sobre as frustrações de comprar roupas e sobre seus respectivos tamanhos em lojas:

**Anitta – Eu acho que não deveria existir uma categoria na loja, eu acho que toda roupa deveria ter até um determinado tamanho, do pp ao extra gg.**

Tatá Werneck: Eu acho que tá tudo errado nesse mundo, porque assim, às vezes a pessoa veste *plus size*, aí vai numa loja, vê uma roupa linda e chega lá na **hora não pode porque tem só até o 40.**

Kim Kardashian: Ou então assim ó, por exemplo, lá na *Marisa*, não sei como é que tá hoje em dia, porque eu nunca mais fui na *Marisa*, mas, as roupas *plus size* lá é tipo pra uma senhora, uma blusa *animal print* assim, é muito surreal, uma coisa que não tem nenhum recorte, é só um pano assim.

Os relatos acima se assemelham às reflexões apontadas por Ferriani et al. (2005), que realizaram um estudo sobre adolescentes obesos ou em sobrepeso. Segundo os autores, percebe-se uma dificuldade entre esses adolescentes para encontrar roupas e uma preocupação em não encontrar vestimentas que lhes sirvam. Essas experiências são relatadas principalmente entre as meninas adolescentes, que dizem sentir vontade de comprar e vestir roupas da moda, porém, optam por não fazê-lo, pois sentem vergonha,

trazendo assim, uma opção pelas adolescentes de comprarem roupas de tamanho grande para escapar deste sentimento de vergonha.

O ambiente escolar foi apontado durante os encontros como um outro espaço produtor e gerador de sofrimentos para as adolescentes. É válido pontuar que ,conforme destacam Costa *et al.* (1999), “as instituições educativas sempre foram pensadas como instâncias formadoras, onde os papéis eram bastante definidos”, desta forma, a escola pode ser vista como local onde se prega a ordem e disciplina (o respeito). “Os professores são formados para lidar com a obediência, não com a rebeldia, o confronto, ou a violência” (COSTA et. al. 1999, p. 161-162).

Segundo Neto (2009) a escola deveria ser a porta principal para a arte e a criação. Porém, em certos momentos, encontram-se nela uma verdadeira ciência punitiva, formadora de valores entre o certo e o errado. Não se trata mais de dogmas religiosos, mas sim científicos que acabam aprisionando, muitas vezes, os acontecimentos dos mundos subjetivos. No que diz respeito à relação professora-aluna, as participantes relataram indignação com certos comportamentos apresentados por parte de uma docente da escola:

Iza: Todo dia eu sempre como meu pastel e o meu refrizinho de manhã, ai tem uma professora, e ela sempre brinca, sempre... Tipo, ela é muito irônica, então, eu to nem ai porque ela fala mais ironia, tipo, mas ela é legal sabe então eu não levei pro coração, mas tipo tem vezes que ela fica pegando no meu pé direto, dizendo que depois dos 20 anos o peso que ganha não perde, e que daí eu acho chato sabe, mas fora isso...

Maisa: Eu acho que de certa forma, por mais que as vezes seja uma brincadeira, pode machucar, acaba ficando ruim, porque a gente até aceita como brincadeira, mas depois a gente para e pensa assim tipo, se *po*, ela realmente falou daquele jeito, e faz sentido, e daí a gente começa a pensar naquilo, e começa a ficar neurótica com aquilo, então acaba...

Iza: Querendo ou não, ela é tipo uma professora, sabe, ela não ali tipo pra te criticar, ela é uma adulta, ela tem consciência disso, tipo ela já tem uma certa idade, e não to chamando ela de velha nem nada, mas ela tem consciência disso e eu acho que tipo, a gente já ta no século 21 sabe, tipo, o corpo da mulher não mais aquela coisa perfeitinha, então **eu acho que ela como uma adulta e professora, tipo, ta ali pra ensinar, acho que não deveria ser dessa forma que ela deveria estar tratando uma aluna dela.**

Após a participante Iza relatar que não concorda com a forma pela qual a professora fala com ela em sala de aula, outras meninas relataram situações similares, não apenas envolvendo professores, mas também funcionários, equipe pedagógica, secretariado e direção da escola. Assim, diante do que foi apresentado Freire (2005), salienta que a relação entre aluno e professor não deveria ser um ‘confronto’ entre o

certo e o errado: uma construção constante de diálogos vazios e, por muitas vezes, ‘engolidos’ pelo medo ou pela repressão. Tal relação deveria, ao contrário, ser marcada pela considerável abertura de troca de conhecimentos, a troca entre sujeitos, suas vivências, suas vidas, seus amores, e seus sofrimentos e suas artes. Não mais como “um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, mas a possibilidade de encontro entre corpos, encontro esse que possa encontrar sujeitos, encontro em que se solidarizam o refletir e o agir [...] endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado” (FREIRE, 2005, p. 91). Desta forma, as idéias de Freire pontuam que a relação entre aluna-professora não deveria ser fundamentada entre uma imagem certa e outra errada, mas sim, que poderia ser pautada na troca de diálogos e conhecimentos.

Logo, sobre a produção de sofrimento ligado à imagem corporal nas experiências de meninas adolescentes, pode-se concluir que a escola foi citada com um dos principais instrumentos desta produção.

### 3.3. Influência das redes sociais na construção da imagem corporal

As influências das redes sociais podem não ser as precursoras da construção da imagem corporal, porém elas estão diretamente envolvidas na construção da imagem/identidade de adolescentes, de modo que o que é divulgado influencia diretamente nas escolhas e padrões.

A imagem da juventude, associada ao corpo perfeito e ideal – que envolve as noções de saúde, vitalidade, dinamismo e, acima de tudo, beleza – atravessa, contemporaneamente, os diferentes gêneros, faixas etárias e classes sociais, compondo de maneira diferenciada, diversos estilos de vida. E a fábrica de imagens – cinema, TV, publicidade – ao lado da imprensa escrita, tem, certamente, contribuído para isso (CASTRO, 2007, p. 112).

Esta problemática foi compartilhada por todas as meninas participantes do grupo. Ao comentarem sobre o perfil da blogueira Nah Cardoso: “*eu acho ela linda, só que daí, é aquela coisa né, a gente vê ela no instagram a gente pensa assim ‘porque que a gente não é assim?’*” (Maisa). Tatá Werneck, por sua vez, relata: “*Eu sigo no instagram a Cléo Pires, maravilhosa, gente, ela é deusa, sério...só que nunca vamos ser assim, né?*” (Tata Wernek)

Trinca (2008) pontua que por uma busca pela beleza e satisfação estética, há uma procura muito grande por diversos tipos de métodos e ferramentas para alcançar o corpo esteticamente belo o mais rápido possível. Algumas dessas ferramentas são

cirurgias de *botox*, cirurgias plásticas, aplicação de esteróides, uso de fármacos e de suplementação na substituição de alimentos, opções que oferecem um caminho muito mais rápido para o tão sonhado corpo perfeito. Segundo Mariuzzo (2012), há cada vez mais a procura por remédios para emagrecimento, cremes que retardam o envelhecimento, produtos de beleza que tiram as rugas da pele, procedimentos cirúrgicos de redução de estômago, plásticas, botox e silicone. Observa-se essa relação de consumo no relato da participante Kim Kardashian: *“Eu tomei remédios para emagrecer, tenho certeza que mais gente aqui já tomou...Dá vergonha né, porque às vezes tudo que a gente quer é comer um lanche e não pode, porque gordo quando come é julgado....”*.

Percebe-se que as mudanças sofridas pelo nosso corpo através do tempo são tidas como erros e há uma procura para retardar essas mudanças, pois, cada vez mais, vemos modelos jovens, altas e magras sendo protagonistas de propagandas e ações de marcas, vemos o padrão de beleza e estética sendo disseminado pelos meios de comunicação de uma maneira nunca antes vista, através das novelas, série e também pelas redes sociais.

Ciampo e Ciampo (2010) pontuam sobre os ícones femininos se tornarem cada vez mais magros, sendo que no século XIX a magreza era considerada sinal de pobreza, afinal se você não tem dinheiro não come, e também sinal de fragilidade e saúde ruim. Um exemplo é o medicamento “Vikelp”, seus comprimidos tinham como slogan buscar transformar *“os magros de nascença em criaturas fortes e cheias de vida”*. O que significa que se hoje o nicho de medicamentos para emagrecer é o que mais cresce no mercado, a história já foi diferente, o padrão já foi outro. Tal pressa pelos resultados e pelo corpo ideal pode ser exacerbada pela mídia, meios de comunicação e redes sociais.

Refletindo sobre as redes sociais, cada dia é mais comum encontrar fotos de famosos e não famosos com aplicação de *Photoshop*. Trinca (2008) pontua que a diferença entre o que é real e virtual serve para alimentar uma necessidade de atingir um padrão inalcançável que pode produzir sofrimento por não conseguir se adequar a ele.

De acordo com a participante Anitta, perde-se muito tempo em perfis de redes sociais idealizando corpos de pessoas famosas: *“e esse padrão não somos nós né? Isso dói um pouco... a gente olha para os perfis do insta da Bruna Marquezine tirando férias na Grécia e pensa que ela é rica e magra, tem tudo”*. Ressaltando que usa muito de seu tempo nas redes sociais em perfis de blogueiras e atrizes.

Com o passar das décadas e com a inserção de tecnologias como os meios de comunicação via televisão e internet/redes sociais, pode-se perceber que a construção do

corpo e o padrão de estética tiveram e estão tendo uma mudança notável. Sobre o padrão de beleza nas redes sociais, uma das meninas relata que mesmo as modelos consideradas “gordas”, “diferentes”, ou *plus size* não possuem uma representatividade tão grande assim:

{...} tem um padrão também, não tem como dizer que não tem, é só entrar no *Instagram* de uma modelo *plus size*, ela vai ter a cintura fina, ela não vai ter barriga, ela vai ter quadril largo e bunda grande, entende? E às vezes tem braço mais gordo e tal, mas ela nunca vai ter barriga grande, **a gente nunca vai se sentir representada.** (Léo)”

Em uma busca, muitas vezes sem sucesso por representatividade de corpos em redes sociais, é possível fazer uma reflexão de que o corpo ao longo do tempo foi tomando uma posição de objeto. Russo (2005) salienta que o corpo é objeto de uma valorização exacerbada, proporcionando então o crescimento da busca pelo corpo ideal. Dessa forma, o nosso corpo foi deixando de ser algo a se desenvolver e exercitar e foi tornando algo a se modelar e transformar. Assim, cada vez mais há o aumento da idéia de molde e transformação, de esculpimento do corpo, idéias que estão supostamente conectadas à saúde, já a objetificação do corpo trouxe uma série de ferramentas para retardar a ação do tempo e não sofreremos as mudanças naturais que nos ocorrem através do tempo.

#### 3.4. O papel da família na construção da imagem corporal

Segundo Assis & Avanci (2004), a família tem um papel importante no processo de formação da autoestima, pois é fonte de apoio estável, fazendo assim com que durante a formação, a pessoa receba e perceba valor dentro deste círculo social. Porém, como visto nas falas das entrevistadas, muitas vezes a importância e o apoio estável não se faz presente, dando muitas vezes lugar para um apoio crítico e de pouca ação, mais baseado em julgamentos do que em suporte afetivo e emocional.

Quando questionadas pelas motivações de participar do grupo, a fala de Leo chamou a atenção:

Léo: Ah, eu tenho uma namorada né? **Minha mãe não briga comigo porque eu sou lésbica e sim porque minha namorada é obesa.** Isso dói muito sabe, ela chama ela de “porca” ou de “nojenta” por conta do peso. Então é por isso que eu to aqui, pra tentar entender algo sobre esse assunto.... [...]

Em um segundo momento, a mesma participante relata:

Léo: [...] Minha madrasta diz que a gente pode ser tudo, menos gorda, por que ninguém gosta de gente gorda... bom, a minha mãe já sabem como ela pensa né: “filha lésbica tudo bem, agora namorar uma gorda, Deus me livre!” [...]

Neste momento, pergunto para Leo o que pensa sobre os posicionamentos da mãe e da madrasta, ela relata se sentir mal por elas serem gordofóbicas. Nery (2018) pontua que a gordofobia é a repulsa, o nojo, o asco, o sentimento de raiva e necessidade de afastamento do indivíduo gordo, da gordura e de tudo que a cerca. Nery (p. 7, 2018).

Ainda a autora afirma que a gordofobia não faz parte apenas de mundo virtual e nem sempre é praticada por pessoas desconhecidas da vítima, mas sim principalmente por familiares, sendo familiares estes que podem incentivar e/ou praticar gordofobia ao sugerir e proporcionar situações onde os filhos se sentem coagidos a fazer algo puramente por influência da família. No caso da participante Léo, ela relata, em diversos momentos, que sua sexualidade já foi um *tabu* maior para a família, porém ser lésbica e namorar uma menina obesa, em suas palavras, “*tem levantado outros olhares, principalmente na minha casa, a minha namorada não pode comer um pão que a minha mãe joga na cara dela que ela está gorda...*” A participante tem clareza dos preconceitos da sua família, relata que acredita se sentir mais ofendida do que a própria namorada em muitos momentos, também comenta que está participando do grupo para ter um espaço onde falar sobre este assunto, que tem sido algo constante em seu dia-a-dia.

Após seu relato, muitas participantes entram na temática da família e seu papel na construção de suas respectivas imagens corporais. Sopezki (2007) afirma que juntamente com a insatisfação corporal, vem o desenvolvimento de transtornos alimentares, outro fator de risco está ligado à família. Desta forma, agregada à insatisfação corporal e inclinadas a receber a imposição dos padrões corporais, as adolescentes desenvolvem transtornos alimentares em busca de “encaixar” em peças de vestuário para satisfazer o desejo comum de estar na moda. A pontuação de Sopezki (2007) pode ser ilustrada a partir do diálogo das meninas:

[...]

Maisa: Tem muito disso, na minha formatura do nono ano, eu aluguei o vestido em agosto e a formatura era em dezembro, e quando eu aluguei ele serviu “super” em mim, só que de agosto pra dezembro, eu engordei 8 kg, e eu fui engordando só que sem perceber, porque eu fui passando por um monte de coisa, e eu me afundava em comida, porque eu tenho “muito

dessa”, de quando eu fico ansiosa ou alguma coisa, eu começo a comer muito, e daí eu engordei os 8kg e quando eu fui perceber, eu fui provar o vestido no dia 9 de dezembro, o vestido não entrou, eu pensei “então a gente vai ter que escolher outro vestido” mas eu pensei “não, esse é o meu vestido, eu vou com ele”, eu fiquei duas semanas só tomando água, em dezembro, naquele verão, calor, e eu só na água, meu pai falando assim “tu vai passar mal, e tu vai começar a desmaiar” e eu sempre tonta, e eu só ficava na água, eu emagreci, entrei no vestido, mas eu não tava feliz comigo e eu também prejudiquei minha saúde, eu passei mal por conta daquilo, só pra poder entrar no vestido, porque eu queria, porque eu sabia que eu ia ficar bonita, sabe, então eu acho que, não é bom pra ninguém, e muitas vezes a gente faz isso para poder agradar os outros.

Anitta: E a gente ainda leva nas costas...

Iza: Não é querer dizer nada não, mas...

**Léo: Imagina isso, tua família só falava “tu vai passar mal” e não fez nada para te parar e te fazer voltar a comer**

**Tatá Werneck: Tu poderia ter morrido né? Imagina ficar dias tomando água... tua mãe falava o que?**

**Maisa: Falava que eu quis o vestido tal e agora tinha que dar um jeito de entrar nele.**

[...]

O relato da participante Maisa fomenta uma reflexão, de que em muitos momentos a própria família pode influenciar as meninas a desenvolverem distúrbios alimentares e distorções de imagem corporal como citado por Sopezki (2007). Ainda Sopezki, a autoestima é dependente da valorização, reconhecimento e da afetividade deslocados para a pessoa, através de alguém que tenha uma relevância dentro dos seus círculos sociais.

Segundo Pandjarian (2008) dentre os diversos públicos consumidores de moda e vestuário, em primeiro lugar encontramos as mulheres, e em segundo lugar, adolescentes, porém, mesmo estando no topo do mercado, onde sugere-se existir uma maior atenção, algumas grifes trazem uma experiência negativa para as adolescentes, pois compartilham dos mesmos padrões de beleza do restante da indústria. As meninas relatam que comprar roupas com algum membro da família junto é um momento de sofrimento, como a fala da participante Kim Kardashian:

Eu acho que pra mim esse lance de comprar roupa é mais traumático porque na minha vida inteira, eu comprei roupa com a minha mãe, e a minha relação com a minha mãe não lá assim das melhores, então tipo, 90% dos problemas internos, de algumas paranóias que eu tenho, é fruto de alguma coisa que a minha mãe falou lá atrás que até hoje ta aqui, então tipo, ir na loja, comprar roupa e toda aquela coisa de não servir a roupa, ficar feia, é traumático porque eu ia sempre comprar com a minha mãe, e agora eu sei pegar ônibus, sei ir nas lojas, ela me dá o dinheiro, eu vou e compro, aí agora ta se tornando menos assim, agora eu tento lidar mais fácil com isso, mas quando era com a minha mãe, não tinha uma loja que eu não saia chorando, por isso que eu falei da Marisa, eu tenho um trauma da Marisa, porque a minha mãe gosta da

Marisa e eu ia lá toda vez com ela, meu Deus do céu, pior lugar, nunca mais voltei lá. (Kim Kardashian)

Seguindo esta fala, as meninas relataram encontrar dificuldades em conversar com familiares seja a mãe, pai tias, tios... sobre o corpo:

Iza: A minha mãe disse que eu tinha que emagrecer, porque eu estava acima do peso, e daí eu fui na médica e ela disse que tava normal, daí eu emagreci depois que eu casei.

Jennifer – Você é casada?

Iza– Não no papel! Foi mais para sair de casa sabe... só que desde quando eu casei eu emagreci, eu estava com 67kg agora eu to com 54kg, agora que eu to *fit*, minha mãe diz que eu to muito magra, que tem que engordar, e ela é assim, quando eu tava mais gordinha, ela falava um monte, que tem que emagrecer, que não sei do que, agora que eu to magra, não, tu ta toda chupada, tem que engordar.

Anitta: Uma coisa que eu odeio que a minha mãe faz é tipo, to com uma calça né ... ai ela fala, não, ficou horrível, teu corpo ficou horrível com essa roupa.

Ao analisar as narrativas apresentadas pelas adolescentes, as relações entre a família e o corpo se fazem presente como um elo constante, não somente de apoio, mas também de cobranças acerca do corpo e das atitudes que a adolescente tem e pratica em relação ao que a família acha correto. Dessa forma, tendo em vista que os familiares, projetam em suas filhas aquilo que achem correto. Percebe-se uma dificuldade de aceitar o diferente, trazendo assim alguns sentimentos como frustração e vergonha para as adolescentes ao saírem de casa, escolherem uma roupa, ou simplesmente ir a uma loja acompanhadas de algum membro da família.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Olhar e falar sobre o próprio corpo pode não ser uma tarefa fácil. Esta pesquisa teve início a partir da vontade de escutar as narrativas de meninas adolescentes acerca do padrão de estética e culto ao corpo, porém, antes disso, se fez necessário escutar o que elas entendiam por padrão e quais relações as mesmas tinham com a temática ali apresentada. As interlocutoras desta pesquisa em diversos momentos falaram sobre como acham importante a escola oferecer espaços onde elas e os colegas pudessem expressar o que sentem ou desejam. Salientam que apenas palestras, na maioria das vezes, trazem mais dúvidas do que ajudam de fato. Em um relato, uma das meninas comenta: *“achei que ia chegar aqui, tu ia ta lá no auditório com um microfone dizendo*

*pra a gente amar o nosso corpo... e não, tu sentou aqui no chão com a gente e perguntou o que a gente acha, isso foi importante...”(Tatá Werneck).* A partir deste relato, vê-se a necessidade de um espaço dentro da escola onde a voz dos alunos seja potencializada, pois as meninas desta pesquisa apresentam que quando é oferecido um espaço de fala e de escuta, as estudantes mostram que tem muito a falar e que tem necessidade de serem escutadas.

Como já mencionado aqui, a escola não foi o foco desta pesquisa e sim o meio e o espaço no qual se realizou o contato com as participantes. Porém, é preciso reconhecer a escola como lugar “privilegiado de transformação”, usando dela, sua força maior: o encontro entre sujeitos; o encontro de corpos; sendo ele, o encontro de grupos. É um “potencial que vai além da transmissão de conhecimentos”. “É preciso assim, investir no sujeito, conhecê-lo, e ajudá-lo a ultrapassar valores arraigados nele.” (MARRIEL et al, 2006, p. 46).

Com essa afirmação podemos destacar que a escola poderia promover um espaço de integração entre os alunos e que os professores devem estar atentos aos receios e dúvidas dos alunos. Dessa forma os alunos teriam um ambiente para conversar e fazer questionamentos, assim como falar de seus receios e de como estão se sentindo diante da mudança que ocorrem e seu dia a dia.

Esta pesquisa teve como objetivo geral: *problematizar as narrativas de um grupo de meninas adolescentes de uma escola pública da região da Grande Florianópolis sobre o padrão de estética e idealização do corpo.* Dentro deste objetivo pode-se analisar fatores relacionados ao ambiente escolar, as relações familiares e sociais. A influência das redes sociais na construção da imagem corporal das meninas também apareceu como ponto de discussão no grupo.

Perante tudo que foi exposto, ficam as conclusões de que pesquisas com esta temática são de extrema importância, não apenas para o público adolescente como também para mulheres e homens e diferentes faixa etárias. Falar do corpo e como se sente nele ajuda a ter uma melhor compreensão do porque ele ainda é um *tabu* em tantas culturas.

## REFERÊNCIAS

Andrade, S. (2003). Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. *Movimento*, 9(1), 119-143.

- Appolinário, J. C., & Claudino, A. M. (2000). Transtornos alimentares. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(2), 28-31.
- ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- Azevedo, A. de M. C., & Abuchaim, A. L. G. (1998). Bulimia nervosa: Classificação diagnóstica e quadro clínico. In M. A. A. Nunes, J. C. Appolinário, A. L. G. Abuchaim & W. Coutinho. *Transtornos Alimentares e obesidade* (pp. 31-39). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEE, HELEN; A criança em Desenvolvimento. 9º edição, Porto Alegre, Editora Artmed, 2003.
- Cash, T. F., & Pruzinsky, T. (2002). *Body Image: a handbook of theory, research, and clinical practice*. Nova Iorque: Guilford Press.
- Carreiro, T. A. (2005). Corpo e contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, 11(17), 62-76.
- Castilho, S. M. (2001). A imagem corporal. Santo André: ESETec Editores Associados.
- CASTRO, A. L. Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2007.
- CECHIN, Michelle Brugnera Cruz; SILVA, Thaise da. Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 623-638, Dec. 2012. Available from . access on 03 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922012000300012>.
- Ciampo LAD, Ciampo IRLD. Adolescência e imagem corporal. *AdolescSaude*. 2010;7(4):55-59
- COSTA, Eloísa de Campos, GOMES, Carlos Minayo. Superar a cultura da violência: um desafio para a escola. In: TEVES, N.; RANGEL, M. (orgs). *Representação Social e Educação*. São Paulo: Papyrus Editora, 1999, p.159-176.
- Damasceno VO et al. Imagem corporal e corpo ideal. *R BrasCi e Mov*; 14(2):81-94, 2006.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estud. pesquis. psicol.* [online]. 2011, vol.11, n.3, pp. 898-912. ISSN 1808-4281.

Daolio, J. (1995). *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papirus.

ESTÁCIO NETO, Francisco. *Esquizoanálise, subjetividade e educação*. 2009. 140 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009.

FRANCO, Adriana de Fátima. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) - Volume 13, Número 2, Julho/Dezembro de 2009 - 325-332*. 325. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a15.pdf>>. Acesso em 01 mai. 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOPES, Amliz Ferreira; MENDONÇA, Érika de Sousa. Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 20-33, ago. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692016000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 02 jun. 2018

LOURO, Guacira L. (org.) *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: autêntica, 2007.

MARIUZZO, Patrícia. Crescimento de cirurgias plásticas demonstra fusão dos conceitos de saúde e beleza. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 64, n. 3, p. 13-15, 2012. Available from <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252012000300006&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 Nov. 2018.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 35-50, Abr. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010015742006000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742006000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jun 2018.

NERY, J. O. Gordofobia: Discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. *Anais do XIII Encontro de iniciação Científica da UNIF, Fortaleza, CE, v. 7, n. 1, Mar., 2018.*

NETO, Francisco Estácio (2009). *Esquizoanálise*.

Novaes, J. V. (2013). *O intolerável peso da feiúra: Sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.

Organização Mundial da Saúde. *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.2.

ORTEGA, Francisco. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008

PANDJIARJIAN, Paulo. A força do consumo adolescente. 2008. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/administracao/artigos/4590/aforca-do-consumo-adolescente>>. Acesso em 04 Nov. 2018.

Ribeiro, P. C., & Oliveira, P. B. (2011). Culto ao corpo: Beleza ou doença? *Adolescência & Saúde*, 8(3), 63-69.

Rosário, N. M. (2006). Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose. [versão online]. Acesso em 12 de janeiro, 2006, em [http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia\\_semiotica/conteudos/corpo.htm](http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm)

RUSSO, R. **Imagem corporal**: Construção através da cultura do belo. Ver. Movimento & Percepção, v. 5, n. 6, Espírito Santo de Pinhal, São Paulo, p. 80-90, jan./jun. 2005. Disponível em <<http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=39>> Acesso em 22 de outubro de 2018>

Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes.

SILVA, Ana Márcia. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Ed. UFSC, 2001

SPINK, Mary Jane P. (Org). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.). Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Sopezki, D. S. (2007). *Relacionamento primário com a figura materna e auto-estima em mulheres com transtornos alimentares* (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Faculdade de Psicologia.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 25 mai 2018.

TRICHÊS, P. B. M. **Efeito de doze semanas de exercício aeróbio sobre o índice de massa corporal e a imagem corporal de adolescentes.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Trinca, T. P. (2008) O corpo-imagem na “cultura do consumo”: Uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP.

WINN, J. Making it big. *Entrepreneurship theory and practice*, v. 28, n. 5, p. 487-500, 2004.